

COMENTÁRIO AO ARTIGO

O *CONATUS* IMAGINATIVO EM ESPINOSA: A PRODUÇÃO DA CONTINGÊNCIA E DA IDEIA DE FINALIDADE*Daniel Santos da Silva*¹

Referência do artigo comentado: RODRIGUES, J. L. O *conatus* imaginativo em Espinosa: a produção da contingência e da ideia de finalidade. **Trans/Form/Ação**: revista de filosofia da Unesp, vol. 44, n. 1, p. 205-224, 2021.

Já houve o predomínio, especialmente na Europa, de leituras espinosanas que viam na racionalidade o ponto a ser demonstrado e divulgado, a expressão máxima da necessidade na vida humana. A partir dessa leitura – que nos traz, sem dúvida, contribuições imensuráveis –, era um caminho quase natural tomar Espinosa como mais um de uma longa tradição filosófica que dizia ser a racionalidade o nosso diferencial e a escapatória deste mundo. Essa tradição prolonga-se de modos variados, ainda que outras determinações tenham sido incorporadas à racionalidade – as “descobertas” sobre a linguagem não passariam em branco, tampouco o materialismo histórico e a psicanálise. Se me atenho, como convém aqui, às interpretações de Espinosa, é seguro que hoje o escritor holandês foi afastado consideravelmente dessa tradição (embora permaneça em constante comunicação com ela), e muito de sua potência atual se deve exatamente a posições sobre nossa relação com a sensibilidade e com o mundo material.

¹ Universidade Estadual do Paraná (Unespar), União da Vitória, PR – Brasil.  <https://orcid.org/0000-0002-3841-2516> E-mail: danidani_ss@yahoo.com.br

<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n1.15.p225>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

Claro, um conjunto de circunstâncias históricas alimenta esse apelo contemporâneo à filosofia de Espinosa em busca de perspectivas libertadoras. O conceito de liberdade espinosano *requer* que adentremos na complexidade de nossas relações imaginativas para que sua compreensão não seja vazia – e para que, conseqüentemente, a filosofia em que se insere não seja apenas mais uma de uma tradição que nunca deixará de ter seus comentadores, ainda que suas perspectivas pareçam descartar a própria realidade como aquilo que interessa. Isso está longe de significar que não seja frutífero falar da razão: ao contrário, ao perder toda sua substancialidade e envolver-se diretamente com o que há de necessário nas relações que se travam às nossas “vistas”, a razão – melhor, o conhecimento adequado se vincula às nossas paixões como poucas vezes a história da filosofia no Ocidente se permitiu pensar.

Esse leve preâmbulo localiza a relevância do texto aqui comentado. Ainda assim, sabemos, a medida de sua utilidade cabe a cada leitora e leitor dar conta, conforme seus momentos. Entretanto, é esse contexto que me permite perspectivar melhor como são nossas paixões – individuais e coletivas – a principal preocupação do espinosismo contemporâneo (tomo a liberdade de fingir *um* espinosismo e *uma* contemporaneidade). O autor do artigo opta por repor os elementos, digamos assim, dessa preocupação; e o faz de forma clara, quase sem me dar chance de pedir mais explicações ou esclarecimentos – é um texto a ser indicado, por isso mesmo, a quem está na lida de tentar compreender a teoria das paixões espinosana, especialmente a terceira parte da Ética.

Não é por isso que não trarei algumas questões. É interessante que Juarez tenha indicado, em uma das primeiras notas, que tratar do *conatus* em suas expressões imaginativas é uma escolha de recorte, já que os três gêneros de conhecimento podem agir simultaneamente, no indivíduo, segundo a filosofia de Espinosa. Não há separação real dessas operações cognitivas na mente humana – são maneiras com as quais nos relacionamos com as coisas e que compõem a produção de ideias; fato é que uma essência singular existente em ato é uma atividade plural (isso é o *conatus*), e Juarez foca em conexões basilares que formam, em cada singularidade, afetos que surgem de não podermos compreender adequadamente quase nada do que nos cerca. Em poucas palavras, a ética espinosana assenta a maior parte de nossa existência na nossa potência imaginativa.

A complexidade é tal que a flutuação de ânimo, um dos eixos da exposição de Juarez, é uma situação que pode enlanguescer nossa atividade, mas que apenas é possível porque nosso corpo, como é, é potência imensa de

imaginação. Amor e ódio cohabitam o mesmo sujeito em relação ao mesmo objeto, e o campo de disputa é a duração das singularidades – e, não menos, como lidamos com essas durações, o que faz do *tempo* conceito extremamente importante para a discussão. Finalidade e contingência, dois “produtos” de nossas errâncias passionais, não completamente controláveis, são explicadas, então, a partir dessas disputas que nada menos são do que determinantes para nossas operações. Mais uma vez, as explicações das gêneses dessas duas modalidades são trabalhadas claramente por Juarez; alguns itens da exposição, porém, chamaram-me a atenção.

Em algumas ocasiões, acredito que seguir uma exposição rente ao que o filósofo mesmo fez pode recalcar os desenvolvimentos e as dinâmicas que caracterizam uma forte interpretação – e isso ocorre nesse artigo de Juarez, em minha leitura, obviamente. É preciso imprimir um movimento que, inclusive, ponha à frente da leitora e do leitor que a consciência não progride saltando pontos – se é que ela *progride*; por exemplo, Rodrigues (2021, p. 210), após citar as definições de alegria e tristeza (no corpo do texto), afirma:

Assim entendidas, alegria e tristeza são paixões que representam um progresso de consciência sobre os estados diferenciados do próprio corpo. Observamos justamente que, nos corpos mais complexos, são orientações que conduzem os *conatus* dos indivíduos a uma sobrevivência mais consciente sobre o seu instinto de conservação. O *conatus*, em seu esforço de atualização e perseverança na existência, conduzirá o indivíduo a prolongar toda excitação alegre e a evitar toda excitação triste, ou seja, ele buscará o prazer e fugirá da dor. No entanto, o amor (*amor*) e o ódio (*odium*) correspondem a uma nova etapa, pois pressupõem uma nova diferenciação corporal e um novo progresso da consciência.

A passagem sintetiza algo que corre o texto inteiro; e, mesmo que isso não impeça a correta interpretação do que é exposto por Espinosa (já que a leitura não está incorreta), o autor deixa de aprofundar o que significa dizer que o afeto ele mesmo é uma passagem, um movimento, cuja ideia é, conforme as leis de seu atributo, também passagem, uma que não é progresso de consciência, mas complexificação das circunstâncias. Para Rodrigues (2021), apesar disso, o amor e o ódio representariam um novo “progresso”, Corpos mais complexos têm relações mais complexas, certamente – mas há um progresso da consciência de um ponto a outro dessa “escala” (ou de um ponto a outro no mesmo indivíduo)? Há alguma “escala” que não seja

imaginativa? São, de fato, perguntas – nada retóricas, são coisas que me vieram em função do texto.

Como a sequência do artigo de Juarez me parece ressaltar, o termo crucial dessa complexidade não é a consciência em seu “progresso” (proporcional à complexidade do corpo), mas o corpo mesmo e como nele é constituída a memória – ao fim, nossa peculiar complexidade física é melhor vislumbrada por aí, pela memória como potência do corpo de retenção e transformação e de como isso constitui, na mente, o imaginar. Essa complexidade – e isto, confesso, senti como uma carência no texto, mas exigiria provavelmente que o autor adentrasse em questões que o fariam fugir de seu tema – é o fundamento de resistências “existenciais” que nos levam à vida em sociedade; medo e esperança, móveis maiores de nossas flutuações nos cotidianos, dão vida à complexidade formal da finalidade e da contingência analisadas aqui cuidadosamente pelo autor.

O que significam meus comentários? Que faltou algo ao texto de Juarez? Não, seu recorte e o tratamento dados são ótimos; suas escolhas seguiram seus “planos”: é um texto, sem a mínima dúvida, esclarecedor. Os comentários significam que, diante da oportunidade de participar da publicação desse artigo – o que agradeço muito –, escolhi provocá-lo a partir de minhas próprias perspectivas (como seria diferente?); desafiá-lo, assim, a dar mais um passo em direção à cultura, à sociedade, à política (o *resistir* comum que segue disso tudo trabalhado no artigo). Um desafio, enfim, a incorporar mais os debates latino-americanos (e italianos) na interpretação da sempre instigante – para nós – teoria das paixões de Espinosa.

REFERÊNCIA

RODRIGUES, J. L. O *conatus* imaginativo em Espinosa: a produção da contingência e da ideia de finalidade. **Trans/Form/Ação**: revista de filosofia da Unesp, vol. 44, n. 1, p. 205-224, 2021.

Recebido: 24/10/2020

Aceito: 26/10/2020